

Jornalismo e Estudos Mediáticos

Memória V

JORGE PEDRO SOUSA · ORG

PUBLICAÇÕES FUNDAÇÃO FERNANDO PESSOA

FICHA TÉCNICA

Título: Jornalismo e Estudos Mediáticos – Memória V

Org.: Jorge Pedro Sousa

© PUBLICAÇÕES FUNDAÇÃO FERNANDO PESSOA

Artigos: Adriana Pierre Coca; Aidil Soares Navarro; Ana Cátia Ferreira; Ana Suely Pinho Lopes; Andreia Magalhães Oliveira; Cristiane de Lima Barbosa; Élmáno Ricarte de Azevêdo Souza; Francisco Wesley Gomes Santos; Haline Maia; Leoní Serpa; Luís Boaventura; Maria Érica de Oliveira Lima; Maria Olívia de Albuquerque Ribeiro Simão; Renato Essenfelder; Rosângela Stringari; Samanta Souza Fernandes; Suelwelyn Cassimiro Sales; Vinicius Guedes Pereira de Souza.

Paginação: Oficina Gráfica FFP

ISBN: 978-989-643-171-6

Permitida a reprodução não comercial, para fins científicos e educativos, desde que seja mencionada a origem.

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

JORNALISMO E ESTUDOS MEDIÁTICOS – MEMÓRIA V

Jornalismo e Estudos Mediáticos [Documento eletrónico] : Memória V / org.

Jorge Pedro Sousa. – eBook. – Porto : Publicações Fundação Fernando Pessoa, 2022. – 196 p.

ISBN 978-989-643-171-6

Jornalismo / Comunicação social / Sociologia da Comunicação / Redes Sociais

CDU 070 | 659.3 | 316.77 | 001.9

Jornalismo e Estudos Mediáticos

Memória V

JORGE PEDRO SOUSA · ORG

*Anuário científico digital do doutoramento em Ciências da
Comunicação da Universidade Fernando Pessoa*

PORTO · 2022

Índice

- 007** **Apresentação**
Jorge Pedro Sousa

- 009** **Jornalismo, uma mercadoria aberta**
Ana Cátia Ferreira

- 023** **A linguagem do telejornalismo brasileiro sob a perspectiva dos avanços tecnológicos**
Luís Boaventura

- 045** **Telejornalismo e interatividade: o comportamento do público em tempos de pandemia**
Rosângela Stringari & Andreia Magalhães Oliveira

- 063** **Manchetes, títulos e suas formas de expressão no jornal *O Estado de São Paulo* para persuasão e convencimento dos leitores**
Aidil Soares Navarro

- 077** **O centenário da Independência do Brasil pelas imagens da revista *Ilustração Portuguesa***
Ana Suely Pinho Lopes

- 089** **Representação das mulheres negras no jornalismo cearense: uma análise interseccional dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste***
Suevellyn Cassimiro Sales & Maria Érica de Oliveira Lima

- 105** **Baralhos e figurinhas: jogando com a materialidade e a decolonialidade**
Vinicius Guedes Pereira de Souza

- 119** **Instagram como ferramenta de divulgação científica: um estudo de caso do perfil Academia STEM**
Cristiane de Lima Barbosa & Maria Olívia de Albuquerque Ribeiro Simão

- 135** **Perfil ibero-americano na história da Comunicação da Ciência, de Reis a Hernando e de Gleiser a Fiolhais**
Leoní Serpa

- 153** **Influenciadores de viagens e seu papel no espaço público**
Samanta Souza Fernandes

- 169** ***Mulheres de Abril*: a Revolução dos Cravos traduzida em um docudrama com olhar feminino**
Adriana Pierre Coca, Renato Essenfelder & Haline Maia

- 183** **Os media sociais e a visibilidade mediática dos festejos juninos do Ceará: uma breve discussão teórica**
Francisco Wesley Gomes Santos, Élmano Ricarte de Azevêdo Souza & Maria Érica de Oliveira Lima

Apresentação

Este quinto livro eletrónico da especialidade de Jornalismo e Estudos Mediáticos do programa de doutoramento e pós-doutoramento em Ciências da Informação e do programa de doutoramento e pós-doutoramento em Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa tem por fim dar público e anual testemunho da mais recente investigação que tem sido desenvolvida no seu âmbito.

Obra necessariamente coletiva e plural, o livro reúne textos de pós-doutores, doutores e doutorandos associados aos referidos programas, dando contributos relevantes à produção de novo conhecimento no âmbito dos estudos da comunicação em sociedade, das plataformas e meios de comunicação e do jornalismo.

São onze os capítulos que compõem a obra, da autoria de dezassete autores. A sua investigação abarca temas que vão do jornalismo à comunicação digital, passando pela análise do discurso e pela comunicação popular.

O leitor encontra, aqui, um conjunto de textos que trazem reflexões e dados atuais e pertinentes e contributos relevante para as Ciências da Comunicação.

Jorge Pedro Sousa

Representação das mulheres negras no jornalismo cearense: uma análise interseccional dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*

Suevellyn Cassimiro Sales

Universidade Federal do Ceará

suecassimiro@alu.ufc.br

Maria Érica de Oliveira Lima

Universidade Federal do Ceará

mariaerica@ufc.br

RESUMO

A mídia tem o poder de criar símbolos e estereótipos, de nomear, caracterizar e manipular significados sobre temas, culturas, grupos. Partindo desse pressuposto, este artigo tem como objetivo descrever o percurso e os avanços da pesquisa intitulada *Representação das mulheres negras no jornalismo cearense: uma análise dos jornais O Povo e Diário do Nordeste*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC), no Brasil. O *corpus*, 49 textos do *O Povo* e 42 textos do *Diário do Nordeste*, é resultado de uma pesquisa exploratória pelas palavras-chave *mulher negra* e *mulheres negras* nas ferramentas de pesquisa *online* destes veículos, principais meios de comunicação e jornais de maior circulação de Fortaleza, no estado do Ceará. Metodologicamente, realizamos uma análise descritiva recorrendo à noção de *escrevivência* de Evaristo (2008, 2020). Recorremos ao *feminismo negro* e à *teoria interseccional* acionando, sobretudo, Gonzalez (1984, 1988), Ribeiro (2019), Collins (2019), Bueno (2020) e Akotirene (2021). Como resultados preliminares, identificamos escassez de conteúdo sobre mulheres negras em bases de dados; na pesquisa exploratória, contabilizamos 91 (noventa e um) textos sobre mulheres negras em um período de 17 (dezessete) anos e observamos, no *corpus*, a predominância de notícias de cunho negativo, policiaisco ou estatístico que afirmam a desigualdade de gênero ou social vivida por mulheres negras no Ceará, assim como notícias com recorte de classe, em que se fala de mulheres pobres ou marginalizadas, ou com abordagem superativa quanto às suas conquistas, pelas dificuldades enfrentadas para garantir espaços, empregos, garantias e direitos.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; interseccionalidade; mulheres negras; jornalismo cearense.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo descrever o percurso e os avanços da pesquisa intitulada *Representação das mulheres negras no jornalismo cearense: uma análise dos jornais O Povo e Diário do Nordeste*, a qual nós, Suelwellyn Cassimiro Sales e Maria Érica de Oliveira Lima, respectivamente Mestranda e Bolsista CAPES e Professora Pós-Doutora, desenvolvemos no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC), realizado no Brasil. O *corpus* é composto por 49 textos do *O Povo* e 42 do *Diário do Nordeste* sobre mulheres negras, resultados da pesquisa exploratória pelas palavras-chave *mulher negra* e *mulheres negras* nas ferramentas de pesquisa *online* dos respectivos veículos.

Metodologicamente, realizamos uma análise descritiva recorrendo à noção de *escrevivência* da linguista negra Conceição Evaristo (2008, 2020), a qual entende a escrita a partir de narrativas atravessadas por marcadores interseccionais de gênero, raça e classe. Compreendemos, por esse motivo, que podemos nos inserir no texto e *escrever*, mesclando as nossas experiências de vida com acontecimentos sociais. Conforme Evaristo, *escrevivência* é a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil.

Em andamento desde fevereiro de 2021, este projeto vem sendo gestado em um processo árduo – e empoderador – de racialização, em uma constante reflexão sobre a condição de mulher negra de Sales, processo este diretamente vinculado às suas experiências pessoais e profissionais nos últimos anos. Em tempo, a racialização é a atribuição de um significado racial a uma relação, prática social ou grupos antes não categorizados em termos raciais (Collins, 2019). E, para vislumbrar a razão de ser desta pesquisa, ao menos em partes, apontaremos a seguir o *lugar de fala* (Ribeiro, 2019) de Suelwellyn, a sua posição social no discurso.

Sales escolheu estudar como as mulheres negras são representadas no jornalismo por ser negra e jornalista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Decom/UFRN). Já participou ativamente como militante de movimentos sociais e feministas, assim como de política partidária e, em seu trabalho final da graduação, escreveu uma monografia sobre a representação das mulheres na *Via-Láctea* (1914-1915), a primeira revista impressa produzida e editada por mulheres em Natal, no estado do Rio Grande do Norte.

Observe que esta monografia não se atenta à categoria *raça* como viés analítico e, ao elencar espaços de militância, o movimento negro não é mencionado. Ela desenvolve consciência racial apenas quando atua na função de comunicadora popular de uma organização feminista. Nesta instituição, por meses e contraditoriamente, sofre racismo, classismo, LGBTfobia e outras formas de opressão e discriminação.

Negra em tom menos escuro, aonde quer que vá, sua cor chega primeiro. Por ser atravessada por mais de um modo de discriminação – as avenidas identitárias –, como define a intelectual negra Carla Akotirene (2021), tornou-se necessário somar a esta pesquisa a teoria interseccional. Visando a justiça social, ela nos ensina que injustiças, opressões e desigualdades ocorrem de modo entrecruzado, sem suprimi-las ou hierarquizar-las. A interseccionalidade mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal. São mulheres de cor, lésbicas, terciomundistas, interceptadas pelos trânsitos das diferenciações, sempre dispostos a excluir identidades e subjetividades complexificadas, desde a colonização até a colonialidade (Akotirene, 2021).

Uma vez definido o problema de pesquisa e sua abordagem de gênero e raça, que é estudar *como as mulheres negras são representadas*, aterramos o projeto à cidade de Fortaleza, capital do Ceará, lugar

onde Sales nasceu e cresceu. Escolhemos como objeto de estudo os jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, principais meios de comunicação e jornais de maior circulação de Fortaleza.

Constituiu-se, desse modo, um estudo da representação das mulheres negras no jornalismo cearense a partir de uma análise interseccional, considerando eixos como gênero, raça e geolocalização em narrativas jornalísticas. A partir desse entrelaçamento de opressões interseccionais, pretendemos evidenciar de que maneira a imagem das mulheres negras é delineada nestes textos midiáticos; como ajudam a construir interpretações acerca da intersecção entre as categorias de gênero e raça, e quais as influências na percepção sobre mulheres negras na sociedade cearense.

1. ESTADO DA QUESTÃO

O presente estudo, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC), possui como temática central o estudo da representação de mulheres negras no jornalismo cearense. A área de estudo compreendida é a de Meios e Processos Comunicacionais e a linha de pesquisa é a de Mídia e Práticas Socioculturais, com o intento de investigar as práticas socioculturais e o seu vínculo com a mídia na sociedade contemporânea, considerando as condições e formas pelas quais estes agentes – as práticas socioculturais e os meios de comunicação – refletem na relação cotidiana com este mesmo sistema e suas formas simbólicas.

Para a pesquisa de estado da arte, em curso, adotamos como descritores as expressões *representação de mulheres negras*, *mulheres negras na mídia* e *negras no Ceará* e realizamos buscas nas bases de dados *Scielo* e Portal de Periódicos CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, assim como na Biblioteca de Anais da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, no Grupo de Trabalho *Estética, Políticas do corpo e Gênero* e da Compós – Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, no Grupo de Trabalho *Comunicação, Gênero e Sexualidades*.

De novembro de 2021 a fevereiro de 2022, encontramos os seguintes resultados em relação aos descritores mencionados refinando produções dos últimos 5 (cinco) anos e marcando os campos *título* e/ou *assunto*:

Tabela 1: Pesquisa de estado da arte nos últimos 5 (cinco) anos revela escassez de conteúdo sobre mulheres negras em bases de dados acadêmicos

Base de dados:	Representação de mulheres negras	Mulheres negras na mídia	Negras no Ceará
Scielo	6 resultados	3 resultados	1 resultado
Portal de Periódicos CAPES	4 resultados	1 resultado	0 resultados
Anais Intercom	3 resultados	3 resultados	0 resultados
Anais Compós	4 resultados	7 resultados	6 resultados

Fonte: elaboração das autoras, 2022

Na Scielo, entre seus 10 (dez) resultados, vimos textos que abordam Ativismo feminista Negro no Brasil; Branquitude, discurso e representação de mulheres negras no ambiente acadêmico; assim como representação e estereótipos de mulheres negras no cinema, na televisão e em revista. O único resultado sobre *negras no Ceará* foi o artigo *Falando de gênero, raça e educação: trajetórias de professoras doutoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e do Rio de Janeiro (Brasil)*, publicado em 2018 pelas autoras Joselina da Silva e Maria Simone Euclides.

Já no portal de periódicos da Capes, encontramos, nos 5 (cinco) resultados totais, produções que falam sobre a identidade cultural da mulher negra, assim como a sua representação e suas memórias em livros. Não há um resultado sequer, nos últimos 5 (cinco) anos, de uma produção que aborde a questão da mulher *negra no Ceará*.

Na Biblioteca de Anais da Intercom, de 2017 a 2022, obtivemos 6 (seis) resultados a partir de nossas três expressões descritoras. Entre os trabalhos, *Mulheres negras nas imagens de controle: da construção de imaginários racistas à imposição de lugares subalternos na mídia*, artigo escrito por Suelly Sales e Patrícia Nunes (2021), e títulos abordando, entre outros temas, maternidades negras e fuga das imagens de controle no jornalismo brasileiro. Neste ínterim não encontramos, mais uma vez, nenhum texto sobre a condição de mulher *negra* no Ceará.

Nossa busca nos Anais da Compós computou 17 (dezesete) materiais, sendo esta, portanto, a base de dados com maior quantitativo de resultados em comparação às 3 (três) anteriores. Entre os títulos de trabalhos observados, vimos produções sobre a representação política discursiva de mulheres veedoras em redes sociais e representatividade negra em anúncios de revista. Contabilizamos, ainda, 6 (seis) resultados que abarcam o descritor *negras no Ceará*, a única base com quantitativo superior a 1 (um) resultado.

Ainda em relação aos trabalhos sobre *negras no Ceará* no Anais da Compós de 2017 a 2022, chegamos aos seguintes títulos: *Mulheres negras e mundo do trabalho*; *A representação da população negra*; *Representatividade negra em anúncios de revista*; *Marcadores decoloniais e atravessamentos na fotografia artística contemporânea negra sul-africana*, estas 4 (quatro) publicadas no ano de 2020; *Algoritmos racistas: uma análise da hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais* (2019) e *Contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação* (2018).

Para endossar a nossa busca e compreensão, pesquisamos por *mulher negra* e *mulheres negras* nas ferramentas de busca digitais dos sites dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, e nos surpreendeu resultado tão escasso de conteúdo sobre mulheres negras: em 17 (dezesete) anos, o resultado somado dos dois veículos foi de apenas 91 (noventa e um) textos jornalísticos. Vale ressaltar que o primeiro achado de ambos os portais foi do ano de 2003 e o último de 2020 – ano em que Sales submeteu o projeto de pesquisa ao PPGCOM da UFC.

Suelly realizou ainda um levantamento no portal do PPGCOM, na aba de dissertações e teses defendidas pelo Programa, especificamente da linha 02 – Meios e Processos Comunicacionais, e evidenciou a lacuna: em todo material e período disponíveis no site, não há nenhuma pesquisa sobre mulheres negras ou pesquisas que contenham, em suas palavras-chave, combinadamente, mídia, gênero, raça e interseccionalidade.

Ao detectarmos escassez de conteúdo e produção sobre mulheres negras na mídia e na academia, acreditamos que é fundamental pesquisar comunicação vinculada a perspectiva da interseccionalidade. Por esse motivo, realizamos a seguir, em nossa fundamentação teórica, uma análise e apresentação de dados sobre a representação de mulheres negras na mídia dando voz, sobretudo, às intelectuais negras, como tentativa de reparação histórica e superação do silenciamento, da inferiorização e da invisibilização das mulheres negras, em especial no jornalismo cearense.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Acionamos como aporte teórico as obras *Pequeno Manual Antirracista* (Ribeiro, 2019); *Pensamento feminista negro* (Collins, 2019); *Imagens de controle* (Bueno, 2020) e *Interseccionalidade* (Akotirene, 2021). Ancoramo-nos ainda nos artigos *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, (Gonzalez, 1984); *A categoria político-cultural de amefricanidade* (Gonzalez, 1988); *A raça e o gênero da estética e dos afetos* (Carrera, 2020); *Feminicídio e Mídia: o racismo patriarcal e a morte de mulheres negras* (Reis, Leite & Matos, 2019), *Algoritmos racistas: uma análise da hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais* (Carrera & Carvalho, 2020); *A representatividade negra na publicidade mineira* (Faria & Fernandes, 2019); *Racismo institucional midiático* (Dantas & Florencio, 2018) e *Mídia e construção da identidade da mulher negra* (Mendonça, 2006).

Ressaltamos que os artigos citados anteriormente foram selecionados após uma pesquisa na Biblioteca de Anais do Compós, no Grupo de Trabalho Comunicação, Gênero e Sexualidades, e da Intercom, no Grupo de Trabalho Estéticas, Política do Corpo e Gênero. E, após este preâmbulo acerca de nosso suporte epistemológico, vamos aprofundar a dimensão conceitual e teórica da nossa pesquisa.

Como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste é a pergunta que norteia este estudo. Desvelar a abordagem e o tratamento dados a elas é ação imprescindível para compreender por que motivo, no Brasil, se encontram em situação de desigualdade em relação às mulheres brancas: embora dividam o fardo do sistema patriarcal e machista, as negras ganham menos e têm vulnerabilidade 50% maior ao desemprego (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [Ipea], 2018). Além disso, dados mais recentes do Atlas da Violência (Cerqueira *et al.*, 2021) revelam que as mulheres negras são as maiores vítimas de violência no Brasil: em 11 anos, o homicídio dessa população aumentou 2%, ao passo que o assassinato de mulheres não negras caiu 27% no mesmo período. A porcentagem assusta: 66% das mulheres assassinadas no Brasil são negras.

Chama a atenção, ao mesmo tempo, o movimento de resistência e insubordinação das mulheres negras no País. Mesmo marcadas por um histórico de escravização, machismo, classismo, sexismo e racismo – um sistema de opressões que nega direitos (Ribeiro, 2019), entre outros modos de opressão interseccional, um levantamento realizado em 2021 por pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) mostra que mulheres negras são maioria nas universidades públicas brasileiras.

Dentro desse contexto, consideramos que a mídia – todo suporte de difusão da informação e comunicação social – tem o poder de desenvolver assimilações e ideias acerca de temas, culturas, grupos. Observando especificamente a narrativa sobre mulheres negras, detectamos que, na imprensa brasileira, elas são preteridas, coisificadas, inferiorizadas, subalternizadas (Bueno, 2020). A mídia cumpre, junto a outras instituições dominantes como a Igreja e o Estado, com um papel de construção, manutenção e

atualização de estereótipos atribuídos às mulheres negras, influenciando diretamente em sua condição histórica, social e política.

Em relação a esse poder da imprensa, Reis, Leite e Matos (2019) nos explicam que

é possível perceber o potencial da mídia enquanto importante dimensão na formação de opiniões e visões de mundo. A abordagem dada numa narrativa jornalística pode contribuir para a mobilização social em prol do combate à violência [de gênero, assim como] a solidariedade com as vítimas, como também pode estimular a naturalização da violência [...] (p. 7).

Importante destacar que esse lugar e valor dados às mulheres negras socialmente não é uma condição natural, mas uma tessitura colonial, europeia e racializada. De acordo com Vigotski (1999 citado em Carrera, 2020, p. 4), “as imagens e os discursos [...] ajudam a produzir o espectro dos afetos à disposição para o aprendizado comportamental”, em outras palavras, esses afetos demonstrados, essa forma de se direcionar às e tratar as mulheres negras não é uma característica biológica, mas uma sustentação advinda dos “pilares do corpo, do intelecto e sobretudo da cultura”.

Neste mesmo diapasão, Maria Luiza Mendonça (2006, p. 3), no artigo *Mídia e construção da identidade da mulher negra*, disserta sobre os processos de construção e reafirmação de identidade por meio da atuação da mídia: “[essa atuação], ao longo dos anos, aumentou sua penetração nas sociedades, sua importância no conjunto da produção cultural e impôs seu ritmo acelerado na construção do imaginário social”.

Essa aceleração, de acordo com Mendonça (2006, p. 3), reflete no processo de construção de identidades, “pois elas [as identidades] se constroem em referência a múltiplos contextos, nas relações sociais mais amplas e nas representações sociais fornecidas pelo mundo simbólico”. Desse modo, inferimos que a imagem social das mulheres negras, entre outros grupos, é desenhada também e principalmente pelos *media*.

Consideramos que nossa pesquisa sobre a representação de mulheres negras no jornalismo cearense se insere em uma perspectiva interseccional, isto é, a partir de uma problemática que compreende o impacto e o fenômeno da articulação entre raça, gênero e geolocalização na vida das mulheres negras (Akotirene, 2021). Pensado pela amefricana Kimberlé Crenshaw no ano de 1989, no contexto acadêmico e jurídico dos Estados Unidos, este conceito compreende a associação de sistemas múltiplos de discriminações, promovendo dinâmicas de interação entre dois ou mais eixos de subordinação.

A partir do estudo entre comunicação e interseccionalidade, podemos investigar

[...] como esses textos midiáticos ajudam a construir interpretações acerca da violência de gênero e que consequências essas interpretações podem causar, por exemplo, na afirmação do machismo ou da ideologia do racismo patriarcal em nossa sociedade (Reis, Leite & Matos, 2019, p. 2).

Djamila Ribeiro (2019), em seu *Pequeno mas poderoso Manual Antirracista*, nos dá suporte para compreender temáticas que atravessam o *corpus* e problema de nossa pesquisa, integralmente sobre mulheres negras, com textos que envolvem temáticas tais como racismo, negritude, branquitude,

violência racial e cultura. Compreendendo o racismo como um sistema de opressão que nega direitos e a interseccionalidade como um sistema de opressões entrecruzadas (Akotirene, 2021), percebemos o quanto a vida, as histórias e as dores de mulheres negras são preteridas no *O Povo* e no *Diário do Nordeste*: em um intervalo de 17 (dezessete) anos, de 2003 a 2020, nossa busca pelas palavras-chave *mulher negra* e *mulheres negras* resultou em um quantitativo de apenas 91 (noventa e um) textos jornalísticos e o conteúdo das notícias, em sua maioria, fala de mulheres negras em situação de pobreza, marginalização ou em histórias de superação, de modo que usufruem de direitos e conquistas em situação tardia, após uma série de discriminações e exclusões sociais. É preciso *desmascarar* a cultura do mérito:

Muitas vezes, casos de pessoas negras que enfrentam grandes dificuldades para obter um diploma ou passar em concurso público são romantizados. Entretanto, ainda que seja bastante admirável que pessoas consigam superar grandes obstáculos, naturalizar essas violências e usá-las como exemplos que justifiquem estruturas desiguais não é só cruel, como também uma inversão de valores (Ribeiro, 2019, p. 48).

Sobre a discrepância no tratamento entre negras e brancas, Ribeiro (2019) alerta que “não há revolta com tanto sangue derramado, enquanto há enorme comoção na mídia quando a violência tira a vida de uma pessoa branca”. Vale ressaltar que, no tocante a dados de feminicídio e aborto, no Brasil, as mulheres negras são as que mais morrem (Silveira, 2019). Vemos reiterada negligência social e midiática com a situação de desigualdade dessa população. Devemos nos perguntar, todas e todos, o motivo de a imprensa não dar o mesmo valor a vidas negras em suas narrativas.

Para Collins (2019), esse fenômeno se dá a partir de *imagens de controle* que integram uma ideologia generalizada de dominação, em que se opera a partir de uma lógica de poder que nomeia, caracteriza e manipula significados sobre a vida de mulheres negras, mascarando o racismo e outras opressões, criando uma aura de naturalidade e inevitabilidade no cotidiano. Representações esparsas e fragmentadas da totalidade social, estas imagens acabam construindo um todo coerente, o imaginário social (Reis, Leite & Matos, 2019).

No tocante a esses estereótipos, essa representação da mulher negra traz uma característica que permeia a questão de gênero (Carrera, 2020): diferentemente da construção da imagem masculina – que contém em seu bojo dureza, agressividade (Sabino, 2000; Connel, 2012, Ceccheto, 2004 citados em Carrera, 2020, p. 3), às mulheres foram “designadas as reações emocionais da afabilidade, da delicadeza e da candura (Goffman, 1979; Fontes, Borelli & Casotti, 2012; Lindner, 2004 citados em Carrera, 2020, p. 3). Porém, a esse respeito,

[...] estas delimitações podem ser ainda mais complexificadoras ao se inserir a raça como variável de análise. Enquanto aos homens negros, é resguardada a violência, o anti-intelectualismo e a ausência de capacidade de ternura como fundamentos da sua masculinidade, aproximando-os à animalização (Davis, 1983; Hooks, 2004; Conrado & Ribeiro, 2017;), às mulheres negras não são associados signos de fragilidade e doçura, mas, ao contrário, são relacionados sentidos de hostilidade, força (Baker, 2005; Mclaughlin & Goulet, 1999; Carneiro, 2003) e hiper-sexualização (Collins, 2002; Gonzalez, 1984 citados em Carrera, 2020, pp. 4-5).

Carrera e Carvalho (2020), em sua investigação sobre a representação de mulheres negras e algoritmos, contribuem com uma vasta bibliografia que auxilia na compreensão do contexto de gênero e raça, que permeia a vida das mulheres negras. Segundo as autoras, essas referências permitem compreender que “[...] alguns fatores podem ser importantes agentes para a construção destas escolhas discursivas e imagéticas contemporâneas reveladas ainda no ambiente digital (Danin, 2018 citado em Carrera & Carvalho, 2020, p. 3). Entre esses fatores, cita-se o preterimento da mulher negra, o encarceramento do homem negro e a neutralidade associada à branquitude (Danin, 2018; Schucman, 2010 citados em Carrera & Carvalho, 2020, p. 3).

Para Dantas e Florencio (2018), há uma lacuna no que se refere a inserção das mulheres negras na mídia televisiva por conta da forma como as mulheres negras são retratadas pelos meios de comunicação. Essa lacuna ou a não ocupação de mulheres negras na televisão, investigada em sua pesquisa sobre a representação das mulheres afrodescendentes na mídia televisiva no estado de Pernambuco, no Brasil, é denominado de racismo institucional midiático.

Em confluência com essas questões, Faria e Moreno Fernandes (2019), em *A Representatividade Negra na Publicidade mineira*, realizam uma breve contextualização histórica, pincelando sobre o “descobrimto de um país já habitado por pessoas não-brancas” e os processos de colonização eurocêntricas carregados de preconceitos raciais com a intenção de evidenciar os reflexos dessa marginalização, que têm como desdobramentos a discriminação e a desumanização de pessoas negras. Sobre a representatividade negra na mídia, entendem ainda que “apesar das atuais tentativas, ainda se faz pouco presente, e quando temos finalmente algum tipo de representatividade ela aparece carregada de estereótipos que fogem a curva da realidade do negro brasileiro” (p. 3).

Para Manuela Pinheiro Santos, Jéssica da Silva, Edna Santos e Ícaro Ferreira (2017), em seus estudos sobre *A invisibilidade da mulher negra na mídia*, a imagem da mulher negra, nos meios de comunicação, é reiteradamente estereotipada, o que reforça a vulnerabilidade dessa parcela que compõe a população mais suscetível à violência de gênero, raça e ao desemprego no Brasil (Ipea, 2018), por exemplo. É destacado nesse artigo que,

Segundo o Mapa da Violência 2015, o número de homicídio contra mulheres negras subiu 54% em 10 anos (2003 a 2013) [...] [mas que] essa informação só foi divulgada em pesquisas disponibilizadas em alguns sites, blog, jornais e artigos disponíveis na internet, que também estão inclusos no conjunto da mídia, mas o número de pessoas que tem acesso é bem menor em relação às citadas [anteriormente] (Santos *et al.*, 2017, p. 4).

Urge compreender que a objetificação da mulher negra tem um propósito perverso, que é o de justificar ideologicamente a opressão de raça, gênero e classe. Patricia Hill Collins vai direto ao ponto:

Essas e outras formas de opressão são atravessadas por certas ideias básicas. Uma dessas ideias consiste no pensamento binário que categoriza pessoas, coisas e ideias segundo a diferença que existe entre elas. Por exemplo, cada termo dos pares branco/preto, masculino/feminino, razão/emoção, cultura/natureza, fato/opinião, mente/corpo e sujeito/objeto tem significado apenas em *relação* a sua contraparte (2019, pp. 136-137).

[... e] o pensamento binário dá forma à compreensão da diferença humana. Nesse pensamento, a diferença é definida em termos opostos. Uma parte não é simplesmente diferente de sua contraparte; é inerentemente oposta a seu 'outro' (2019, p. 137).

Eis o perigo dos binarismos. Mulheres e homens, negras e brancas, sentimentos e pensamentos não são partes contrárias e complementares, são entidades fundamentalmente diferentes que se relacionam apenas como opostos (Collins, 2019). No pensamento binário, um elemento é objetificado como o Outro e, por isso, tido como objeto a ser manipulado e controlado.

Winnie Bueno (2020), em seu livro *Imagens de controle: um pensamento do conceito de Patricia Hill Collins*, nos explica que os grupos dominantes recorrem a imagens de controle para disseminar padrões de violência e dominação e, assim, permanecerem no comando deste sistema subjogador, sofisticado e estrutural. Para ela, “as imagens de controle são a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada” (p. 73).

As imagens de controle aplicadas às mulheres negras são baseadas centralmente em estereótipos articulados a partir das categorias de raça e sexualidade, sendo manipulados para conferirem às iniquidades sociorraciais a aparência de naturalidade e inevitabilidade. Isso se dá porque as imagens de controle estão articuladas no interior da histórica matriz de dominação que caracteriza a dinâmica intersectada na qual as opressões se manifestam (Bueno, 2020, p. 73).

Esta desigualdade racial, por exemplo, é explicada por Lélia Gonzalez (1984, 1988) ao desmascarar o *mito da democracia racial*, que propaga a ideia da harmonia entre os povos no País e o pensamento de que *não há racismo no Brasil*. Ciente das nítidas contradições, indaga: *o que ocorreu para que o mito da democracia racial tenha tido tanta aceitação e divulgação?* Além disso, reflete sobre a categoria que define como *neurose cultural brasileira*, que, conforme a própria Gonzalez, tem o racismo como sua sintomática característica:

[...] ora, sabemos que o neurótico constrói modos de ocultamento do sintoma porque isso lhe traz certos benefícios. Essa construção o liberta da angústia de se defrontar com o recalçamento. [...] No momento em que fala alguma coisa, negando-a, ele se revela como desconhecimento de si mesmo (1984, p. 232).

[...] Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... *Nem parece preto* (1984, p. 226).

Ironicamente, é assim que o racismo se manifesta no Brasil. Em um racismo sem racistas. Ou num *racismo à brasileira* (Gonzalez, 1988), que se volta justamente contra aquelas e aqueles que são testemunho vivo – ou morto –, as negras e os negros, ao mesmo tempo que se diz não o fazer, já que supostamente vivemos em uma *democracia racial*.

Tendo ciência desta condição histórica, social, política, econômica, racial e midiática de mulheres negras no Brasil, amparamo-nos em princípios do *feminismo negro* (Ribeiro, 2019; Bueno, 2020; Collins,

2019; Akotirene, 2021) e propomos em nossa pesquisa um novo modelo de sociedade e a produção de novas narrativas, partindo da divulgação da produção intelectual de mulheres negras e na busca de compreender as escolhas discursivas e imagéticas que influenciam a representação midiática de mulheres negras no Ceará.

3. METODOLOGIA

No que diz respeito à pesquisa deste trabalho, é dos tipos bibliográfica e documental, pautada na leitura e análise de artigos e livros. No que se refere à natureza, é qualitativa e, quanto aos fins, exploratória e discutiva. De acordo com Antonio Carlos Gil (2002), exploratória porque tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias e descritiva por ter como objetivo primordial o estabelecimento de relações entre variáveis.

Assim, neste artigo, realizamos uma análise descritiva recorrendo à noção de *escrevivência* da linguista negra Conceição Evaristo (2008, 2020), a qual entende a escrita a partir de narrativas atravessadas por marcadores interseccionais de gênero, raça e classe. Para Evaristo, a *escrevivência*, que é o ato de poder narrar sua própria história, sua própria realidade, permite romper com a lógica de opressão e o lugar de subalternidade.

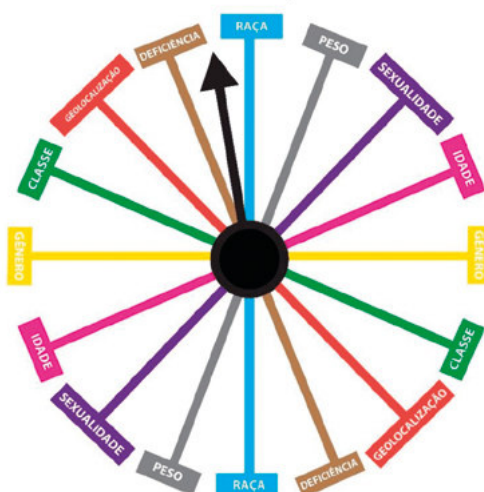
Nesse sentido, o principal objetivo do estudo em questão é responder como as mulheres negras são representadas nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*. Com esse fim, temos como *corpus* 49 textos dos jornais *O Povo* e 42 do *Diário do Nordeste* sobre mulheres negras, resultados da pesquisa exploratória por *mulher negra* e *mulheres negras* nas ferramentas de pesquisa *online* em seus respectivos portais.

Os objetivos específicos, próximas etapas a serem realizadas, são a) identificar padrões no conteúdo da publicação; b) categorizar padrões detectados; e c) interpretar os textos selecionados com base na metodologia de análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977).

Acerca desta metodologia, o objeto da análise de conteúdo “é a palavra, isto é, o aspecto individual e actual (em acto) da linguagem [...] e trabalha a palavra, quer dizer, a prática realizada por emissores identificáveis” (Bardin, 1977, p. 9). Acrescentamos que a análise de conteúdo oscila entre os polos da objetividade e da subjetividade, que atraem o pesquisador, como explica Bardin (1977, p. 9) “pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem”. Em relação às técnicas, resta estabelecer se a Análise de Conteúdo será empregada a partir de análise temática ou categorial.

Por último e não menos importante, consideramos como mais um trajeto a ser percorrido no percurso metodológico a Roleta Interseccional, uma proposta metodológica para análises em comunicação. Desenvolvida pela publicitária negra e professora universitária Fernanda Carrera (2021), esta proposta objetiva identificar as marcas e os rastros de avenidas de opressão que se revelam nas interações cotidianas, na comunicação midiática e nas representações discursivas, além de mostrar como a comunicação se constrói também a partir de estruturas interseccionais (Vide Quadro 3).

Quadro 1: **Roleta Interseccional como proposta metodológica para análises em comunicação**



Fonte: Carrera (2021)

Em relação às cores e ao funcionamento da roleta interseccional, Carrera (2021) assinala que entende a constituição do sujeito subalternizado a partir da metáfora das cores. De forma didática, exemplifica:

Ao tomar o azul, cor primária, como matéria do racismo, por exemplo, e atribuir ao amarelo o construto do sexismo, mulheres negras se constituem não como metade amarelo e metade azul, mas como a cor verde. Se as políticas antirracistas se baseiam nas experiências de homens negros e as teorias feministas se preocupam com as vivências das mulheres brancas, mulheres negras são um construto subjetivo apartado, que sofre a fusão dos dois domínios de opressão, mas não é contemplado por nenhum deles. A cor verde, portanto, é outro universo subjetivo, gerado a partir das duas cores, fundamentado e constituído por elas, mas que reluz distinto, singularizado (Carrera, 2021, p. 11).

Ressaltamos que esta proposta metodológica (Carrera, 2021) pode contribuir para a presente pesquisa por ter um olhar especial voltado para as mulheres negras, inspirado na jurista Kimberlé Crenshaw, em 1989, que cunhou a interseccionalidade na tentativa de apontar injustiças que acometem, sobretudo, mulheres negras.

Para responder ao problema de pesquisa, valemo-nos ainda de questionamentos tais como: o que se fala das mulheres negras nesses jornais? Que espaço é dado a elas? Com que frequência? São abordagens negativas ou positivas? Contribuem para a superação das desigualdades já enfrentadas ou reforçam estereótipos criados e incutidos no imaginário coletivo do Ceará e do Brasil?

Dando sequência a esse pensamento, Sales estabeleceu duas hipóteses prévias: a) Quando se pesquisa por *mulheres negras* ou *mulher negra* nas ferramentas de busca *online* do *O Povo* ou *Diário do Nordeste* irão aparecer notícias de cunho negativo, policiaisco ou de dados estatísticos que afirmam a desigualdade de gênero ou social vivida por elas no Ceará e no Brasil, como evidência da histórica escravização e do racismo estrutural; e b) a pesquisa pelos termos *mulheres negras* ou *mulher negra* resultará ou em notícias de recorte de classe, em que se fala de *mulheres negras pobres e/ou marginalizadas*, ou com

abordagem superativa quanto às suas conquistas, pelas dificuldades enfrentadas por elas para garantir espaços, empregos, garantias e direitos.

Destacamos que a formulação destas hipóteses foi baseada sobretudo pelas leituras que Sales realizou no período de escrita do projeto de pesquisa e após isso realizou, ainda em 2020 – ano em que submeteu a sua pesquisa ao PPGCOM da UFC –, a pesquisa exploratória já mencionada nesta pesquisa e que resultou no *corpus* atual, 49 textos do O Povo e 42 textos do Diário do Nordeste. Uma informação importante a ser dita é que, após a organização do resultado em uma planilha, constatamos a confirmação das duas hipóteses em grande parte do conteúdo (vide Quadros 1 e 2).

Quadro 2: *Corpus* – textos do Jornal Diário do Nordeste sobre mulheres negras

LEVANTAMENTO/CORPUS	
A	B
DIÁRIO DO NORDESTE (4/2020 8/2019 2/2018 1/2017 2/2016 1/2015 1/2014 1/2007 1/2005 1/2003)	DIÁRIO DO NORDESTE (3/2020 6/2019 3/2018 2/2017 1/2016 2/2015 1/2014 1/2012 1/2003)
"MULHER NEGRA" 2019-2020	"MULHERES NEGRAS" 2019-2020-2018
1 - Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify 03 de Setembro de 2020	1 - Entenda o que muda com a reserva financeira e de propaganda para candidatos negros 03 de Outubro de 2020
2 - Flip anuncia demissão de curadora, que sugere uma mulher negra para o cargo 13 de Agosto de 2020	2 - Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras 28 de Julho de 2020
3 - Viola Davis diz que toda sua vida foi um protesto e que se arrepende de 'Histórias Cruzadas' 17 de Julho de 2020	3 - Mulheres negras precisam se dedicar à casa mais que as brancas, diz IBGE 04 de Junho de 2020
4 - Miss Beleza Negra e dona de marca de cosméticos: mulher vai a banco e é levada pela polícia 31 de Janeiro de 2020	4 - Edital exclusivo para mulheres negras investirá entre R\$40 e R\$170 mil em cada perfil selecionado 26 de Setembro de 2019
5 - Movimento Negro cearense repercute escolha da Miss Universo 2019 09 de Dezembro de 2019	5 - Dandara Mariana, de 'Verão 90', diz que nunca alisou o cabelo e que se inspirou na Spice Mel B 14 de Junho de 2019
6 - Planalto ignora Consciência Negra, e Bolsonaro se nega a comentar destruição de placa 20 de Novembro de 2019	6 - Mulheres negras: luta contra discriminações requer união 26 de Março de 2019
7 - Pescadora e artesã representa a força da mulher negra na luta por direitos, em Aracati 19 de Novembro de 2019	7 - Espetáculo "Barracal" volta para Cineteatro Sio Luiz neste sábado (23) com entrada franca 20 de Março de 2019
8 - Meghan Markle se posiciona como mulher negra em discurso na África do Sul 23 de Setembro de 2019	8 - Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios 25 de Fevereiro de 2019
9 - Chicago elege sua primeira prefeita negra e homossexual 03 de Abril de 2019	9 - Após festa polêmica, Donata Meirelles pede demissão da revista Vogue Brasil 13 de Fevereiro de 2019
10 - Mulheres negras: luta contra discriminações requer união 26 de Março de 2019	10 - Discurso de ódio na internet tem mulheres negras como principal alvo 07 de Agosto de 2018
11 - Maju agradece mensagens de apoio após estrear na bancada do Jornal Nacional 19 de Fevereiro de 2019	11 - Marcha das Mulheres Negras pede em São Paulo garantia de direitos 25 de Julho de 2018
12 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna 08 de Fevereiro de 2019	12 - Pela primeira vez, Exército recebe mulheres na Academia Militar das Agulhas Negras 17 de Fevereiro de 2018
13 - Game brasileiro tem cenário nordestino como cenário e mulher negra como protagonista 27 de Dezembro de 2018	13 - Crianças de lares violentos tem mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta 26 de Novembro de 2018
14 - Percursos Urbanos aborda a mulher negra e homenagem Marielle Franco 17 de Março de 2018	14 - Marcha das Mulheres Negras reúne centenas de pessoas na orla da zona sul do Rio 30 de Julho de 2017
15 - Fortaleza da mulher jovem negra 07 de Março de 2017	15 - Campanha Fortaleza Não é Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura 25 de Novembro de 2016
16 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco 12 de Março de 2016	16 - Dois policiais civis são presos durante Marcha das Mulheres Negras em Brasília 18 de Novembro de 2015
17 - Morreu mulher e filho de executivo em naufrágio no litoral de SP 24 de Janeiro de 2016	17 - Número de mulheres presas no Ceará cresceu mais de 100% em 8 anos 05 de Novembro de 2015
18 - Loretta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA 23 de Abril de 2015	18 - Mulheres negras estão fora do cinema nacional, diz estudo 06 de Julho de 2014
19 - Mulher, negra, africana... 01 de Maio de 2014	19 - Mulheres negras são maioria entre jovens que não trabalham nem estudam 20 de Novembro de 2012
20 - Mulher confessa assassinato de criança em ritual de magia negra 14 de Dezembro de 2007	20 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais 04 de Fevereiro de 2003
21 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos 18 de Novembro de 2005	
22 - Mulher negra é mais discriminada 19 de Novembro de 2003	

Fonte: Sales, 2020

Quadro 3: *Corpus* – textos do Jornal O Povo sobre mulheres negras

LEVANTAMENTO/CORPUS	
C	D
O POVO (3/2020 8/2019 5/2018 5/2017 2/2016 3/2015 2/2015 2/2014 3/2012 2/2013)	O POVO (4/2019 1/2018 4/2017 1/2016 2/2015 2/2013 2/2012)
"MULHER NEGRA" 2019-2018-2017-2020	"MULHERES NEGRAS" 2019-2017
1 - Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra 15/09/2020	1 - Mulheres negras marcham por direitos e contra o feminicídio 28/07/2019
2 - Dia Internacional da Mulher Negra celebra trajetórias e reflete sobre as condições vida 24/07/2020	2 - Mulheres negras se engajam no combate à intolerância religiosa 23/07/2019
3 - Depois de caso George Floyd, possibilidade de Biden escolher mulher negra como vice cresce 10/06/2020	3 - Em SP, Festival Latinidades reivindica saberes de mulheres negras 21/07/2019
4 - Artista lança luz para a relevância da mulher na manutenção das famílias negras 05/11/2019	4 - Número de homicídios de mulheres negras cresce 118% no Ceará em 2017 05/06/2019
5 - Mostra homenagem primeira mulher negra a dirigir um filme no Brasil 31/10/2019	5 - Rio elege deputadas quatro mulheres negras amigas de Marielle 08/10/2018
6 - Mulheres negras marcham por direitos e contra o feminicídio 28/07/2019	6 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas 11/12/2017
7 - Mulheres negras se engajam no combate à intolerância religiosa 23/07/2019	7 - Após dois anos da marcha, mulheres negras continuam mobilizadas contra racismo 18/11/2017
8 - Em SP, Festival Latinidades reivindica saberes de mulheres negras 21/07/2019	8 - Marcha das Mulheres Negras no Rio cobra acesso a políticas públicas 30/07/2017
9 - Número de homicídios de mulheres negras cresce 118% no Ceará em 2017 05/06/2019	9 - Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras 31/03/2017
10 - Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional 16/02/2019	10 - Inegra lança projeto para garantir políticas públicas às mulheres negras encarceradas 06/06/2016
11 - Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional 13/02/2019	11 - Mulheres negras se unem contra o racismo e a violência 18/11/2015
12 - Há 50 anos, primeira mulher negra era eleita ao Congresso nos EUA 07/11/2018	12 - Aumenta número de homicídios de mulheres negras no Brasil 09/11/2015
13 - Rio elege deputadas quatro mulheres negras amigas de Marielle 08/10/2018	13 - Mulheres negras estão preparadas para vencer racismo, diz ministra 22/07/2013
14 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo 18/09/2018	14 - Império da Tijuca é campeã da Série A com elenco que homenageia as mulheres negras 13/02/2013
15 - Lei institui o Dia de Luta contra o Genocídio da Mulher Negra no Rio de Janeiro 18/07/2018	15 - Desemprego atinge principalmente mulheres negras e jovens 20/11/2012
16 - Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra 09/03/2018	16 - Mulheres negras são maioria entre jovens que não trabalham nem estudam 20/11/2012
17 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas 11/12/2017	
18 - Após dois anos da marcha, mulheres negras continuam mobilizadas contra racismo 18/11/2017	
19 - Professor que comparou cerveja escura a mulher negra se torna réu por racismo 18/09/2017	
20 - Marcha das Mulheres Negras no Rio cobra acesso a políticas públicas 30/07/2017	
21 - Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras 31/03/2017	
22 - AFP - Família de mulher negra morta sob custódia policial nos EUA será indenizada 15/09/2016	
23 - Inegra lança projeto para garantir políticas públicas às mulheres negras encarceradas 06/06/2016	
24 - Mulheres negras se unem contra o racismo e a violência 18/11/2015	
25 - Aumenta número de homicídios de mulheres negras no Brasil 09/11/2015	
26 - Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico 15/09/2015	
27 - Há 50 anos, a primeira mulher negra era coroada miss no Brasil 27/06/2014	
28 - Contra racismo, artista refaz foto de socialite 'sentada' em uma mulher negra 27/01/2014	
29 - Mulher negra é mais discriminada 19 de Novembro de 2003	

Fonte: Sales, 2020

Com o *corpus* definido, nossos próximos passos nos conduzem a um olhar aprofundado sobre ele, com especial atenção às narrativas interseccionais e às etapas metodológicas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A despeito da pesquisa exploratória realizada, a escolha pelo meio digital se deu por conta da inviabilidade de pesquisa em arquivos e espaços físicos, pois em 2020 vivenciávamos o primeiro ano da pandemia causada pelo Novo Coronavírus.

Compreendendo a metodologia como espaço de criatividade e inovação, pretendemos realizar o tratamento do *corpus* a partir da Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (1977) e da Roleta Interseccional, proposta metodológica para análises em comunicação desenvolvida pela professora universitária negra Fernanda Carrera (2021). A ideia é que estas metodologias científicas, de modo conjunto ou separadamente, contribuam para o alcance do objetivo do estudo em questão.

A Análise de Conteúdo é uma das principais ferramentas de estudo de produtos jornalísticos (Teixeira, 2013). Com ela, queremos identificar padrões no *corpus*, categorizar estes padrões detectados e interpretar os textos selecionados. Já a Roleta Interseccional nos ajudará a identificar as marcas e os rastros de avenidas de opressão revelados nas interações cotidianas, na comunicação midiática e nas representações discursivas.

Como resultados preliminares, identificamos na pesquisa de estado da arte em bases de dados Scielo, Portal de Periódicos CAPES e Biblioteca de Anais da Intercom e Compós escassez de conteúdo e produção sobre *representação de mulheres negras, mulheres negras na mídia e negras no Ceará*. Além disso, um levantamento realizado no portal do PPGCOM/UFC, na aba de teses e dissertações, evidenciou a seguinte lacuna: em todo material e período disponíveis no *site*, não há nenhuma pesquisa sobre mulheres negras ou pesquisas que contenham, em suas palavras-chave, combinadamente, mídia, gênero, raça e interseccionalidade.

Para endossar a nossa busca e compreensão, pesquisamos por *mulher negra* e *mulheres negras* nas ferramentas de busca digitais dos *sites* dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, e nos surpreendeu resultado tão escasso de conteúdo sobre mulheres negras: em 17 (dezessete) anos, o resultado somado dos dois veículos foi de apenas 91 (noventa e um) textos jornalísticos. Vale ressaltar que primeiro achado de ambos os portais foi do ano de 2003 e o último de 2020 – ano em que Sales submeteu o projeto de pesquisa ao PPGCOM da UFC.

Por fim, observamos em nosso *corpus* de pesquisa, 42 textos do jornal *O Povo* e 49 textos do *Diário do Nordeste* a predominância de notícias de cunho negativo, policiaisco ou de dados estatísticos que afirmam a desigualdade de gênero ou social vivida por mulheres negras no Ceará, assim como de notícias com recorte de classe, em que se fala de mulheres negras pobres e/ou marginalizadas, ou com abordagem superativa quanto às suas conquistas, pelas dificuldades enfrentadas para garantir espaços, empregos, garantias e direitos.

CONCLUSÕES

A mídia possui o poder de influenciar (n) o processo de elaboração de opiniões e estereótipos, de modo que uma narrativa jornalística pode contribuir para o combate à violência ou à sua naturalização. Isso significa que, atrelada à produção de sentido dentro da sociedade, a imprensa pode participar da construção da imagem de quem são as mulheres negras para os cearenses hoje.

Por esse motivo, esta pesquisa de mestrado, que estuda como as mulheres negras são representadas no jornalismo cearense e que tem como objetos os jornais O Povo e Diário do Nordeste, é relevante para desvelar e compreender o processo midiático de criação de narrativas e estereótipos sobre as mulheres negras no estado do Ceará.

Com a intenção de romper com esse lugar de subalternização, exploração e dominação de mulheres negras, bem como com o epistemicídio de sua produção intelectual, neste artigo e no projeto realizado, acionamos prioritariamente autoras feministas negras, que desenvolvem conceitos e teorias a partir de uma perspectiva interseccional.

Realizamos uma análise descritiva recorrendo à noção de *escrevivência* de Evaristo (2008, 2020), pois escrevemos a partir de narrativas atravessadas por marcadores interseccionais de gênero, raça e classe. Assim, nos inserimos no texto, mesclando experiências de vida com acontecimentos sociais considerando que, além de receptoras, somos atravessadas por essa produção – epistêmica, metodológica, jornalística.

Finalmente, percebemos avanços e amadurecimentos no desenvolvimento do projeto e em nossa formação, refletindo juntas sobre o percurso de criação, execução e sobre os próximos passos que nos conduzem à concretude desta dissertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, C. (2021). *Interseccionalidade*. Sueli Carneiro; Jandaíra.
- BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- BUENO, W. (2020). *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins*. Zouk.
- CARRERA, F., & CARVALHO, D. (2020). Algoritmos racistas: uma análise da hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. *Galaxia*, 43, 99-114.
<https://doi.org/10.1590/1982-25532020141614>
- CARRERA, F. (2020). A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais. *MATRIZES*, 14(2), 217-240.
<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i2p217-240>
- CARRERA, F. (2021). Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 24(1), 1-22.
<https://doi.org/10.30962/ec.2198>
- CERQUEIRA, D. ET AL. (2021). *Atlas da Violência 2021*. FBSP.
- COLLINS, P. H. (2019). *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento* (J. P. D. Tradutor, Trad.). 1 ed. Boitempo (1990).
- DANTAS, C., & FLORENCIO, A. (2018) Racismo institucional midiático - A representação das mulheres afrodescendentes na mídia televisiva pernambucana. *Anais do 41º Congresso Brasileiro de*

- Ciências da Comunicação*. Recuperado em 20 de fevereiro de 2022, in <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0879-1.pdf>
- DUARTE, C. L., & MACÊDO, D. M. C. P.** (2003). *Via-Láctea: de Palmyra e Carolina Wanderley: Natal, 1914-1915* (Edição Fac-similar). NAC; CCHHLA/NEPAM; Sebo Vermelho.
- EVARISTO, C.** (2008) *Becos da memória*. 3. ed. Pallas.
- EVARISTO, C.** (2020) *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 4 ed. Malê.
- FARIA, B. & MORENO FERNANDES, P.** (2019). A Representatividade Negra na Publicidade Mineira. *Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Recuperado em 20 de fevereiro de 2022, in <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0108-1.pdf>
- GIL, A. C.** (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. Atlas.
- GONZALEZ, L.** (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo brasileiro*, 92/93(jan./feb.), 69-82.
- GONZALEZ, L.** (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 223-244.
- IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA.** (2018). In *Boletim Mercado de Trabalho nº 65: conjuntura e análise*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/181031_bmt_65.pdf
- MENDONÇA, M. L. M.** (2006). Mídia e construção da identidade da mulher negra: a revista Raça. *Anais do 27º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Recuperado em 20 de fevereiro de 2022, in <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1626-1.pdf>
- PINHO, A.** (2021). Mulheres negras são hoje maior grupo nas universidades públicas do país. *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/08/mulheres-negras-sao-hoje-maior-grupo-nas-universidades-publicas-do-pais.shtml>
- REIS, A., LEITE, N., & MATOS, D.** (2019). Feminicídio e mídia: o racismo patriarcal e a morte das mulheres negras. *Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Recuperado em 20 de fevereiro de 2022, in <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1823-1.pdf>
- RIBEIRO, D.** (2019). *Pequeno Manual Antirracista*. Companhia das Letras.
- RIOS, R., & LIMA, M.** (Orgs.). (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano – Lélia Gonzalez*. 1 ed. Zahar.
- SILVEIRA, C.** (2019). Machismo mata, e mulheres negras são as que mais morrem. *Humanista – Jornalismo e Direitos Humanos*. <https://www.ufrgs.br/humanista/2019/11/19/machismo-mata-e-mulheres-negras-sao-as-que-mais-morrem/>
- TEIXEIRA, J. F.** (2013). A configuração do audiovisual nos conteúdos jornalísticos dos dispositivos digitais: uma análise do papel desempenhado pelo vídeo na web, no tablet e no smartphone para o enquadramento do conflito na Síria. In J. C. (Org.), *Notícias e mobilidade: jornalismo na era dos dispositivos móveis* (1 ed., 239-264). Livros Labcom.
- SALES, S. C., & NUNES, P. S.** (2021). Mídia feminista negra: uma análise das narrativas interseccionais produzidas no Kilombas Podcast. *Anais do V Seminário Internacional Desfazendo Gênero*. Realize Editora. Recuperado em 20 de fevereiro de 2022, in <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79249>
- SALES, S. C.** (2019). *Mulheres em revista: uma análise da representação feminina na Via-Láctea (1914-1915)*. [Monografia de Graduação não publicada]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- SALES, S. C., & NUNES, P. S.** (2021). Mulheres negras nas imagens de controle: da construção de imaginários racistas à imposição de lugares subalternos na mídia. *Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Recuperado em 20 de fevereiro de 2022, in <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-ep/suwellyn-cassimiro-sales.pdf>



FUNDAÇÃO FERNANDO PESSOA

Praça 9 de Abril, 349 • 4249-004 Porto

T. 22 507 1300 • www.fundacaofernandopessoa.pt